

Movimentos de método em Michel Foucault: uma aproximação a *História da Sexualidade*

Movimientos del método en Michel Foucault: una aproximación a la Historia de la Sexualidad

Michel Foucault's Methodological Practices: An Approach to The History of Sexuality

Mauricio Cravo dos Reis¹

Violeta Porto Moraes²

Eleonora das Neves Simões³

Resumo

Este artigo tem como temática as decisões de método utilizadas pelo filósofo Michel Foucault nos primeiros dois volumes da *História da Sexualidade*, produzidos em uma potente trajetória filosófica. O pensador francês buscou na história, condições de possibilidade para o seguinte questionamento: como a sexualidade se tornou um problema no presente? O autor inicialmente problematiza uma verdade produzida a partir de entendimento de que a sexualidade passa a ser reprimida com o advento do capitalismo, tendo antes vivido em liberdade. Num esforço de análise, localizamos os principais movimentos metodológicos empreendidos pelo autor entre a *A Vontade de Saber e Uso dos Prazeres*. Buscou-se contribuir para que futuras pesquisas possam ser realizadas utilizando as influências foucaultianas em termos de decisões de método, independente da temática. Pautado numa perspectiva pós-estruturalista, o estudo caracteriza-se como qualitativo e bibliográfico, tendo em vista que se utiliza das obras do próprio autor e de alguns comentadores, para a produção da análise. Entre os movimentos mais significativos identifica-se a passagem de uma genealogia do poder para uma análise do uso dos prazeres a partir da subjetivação, e a necessidade de uma regressão histórica até a antiguidade grega para localizar a descontinuidade em relação ao homem do desejo. Por fim, evidencia-se a mudança no projeto, contrapondo o que chamou de moderna hermenêutica do desejo à uma estética do prazer.

Palavras-Chave: Michel Foucault; Método; História da Sexualidade

Resumen

Este artículo tiene como temática las decisiones de método utilizadas por el filósofo Michel Foucault en los primeros dos volúmenes de la Historia de la Sexualidad, producidos en una potente trayectoria filosófica. El pensador francés buscó en la historia, condiciones de posibilidad para la siguiente cuestión: ¿cómo la sexualidad se tornó un problema en el presente? El autor inicialmente problematiza una verdad producida a partir del entendimiento que la sexualidad pasa a ser reprimida con el surgimiento del capitalismo, teniendo antes vivido en libertad. En un esfuerzo de análisis, se localizaron los principales movimientos metodológicos emprendidos por el autor entre la Voluntad de Saber y Uso de los Placeres. Se buscó contribuir para que futuras pesquisas puedan realizarse utilizándose las influencias foucaultianas en términos de decisiones de método, independiente da temática. Organizado desde una perspectiva pos-estruturalista, el estudio se caracteriza como cualitativo y bibliográfico, teniendo en cuenta que se utiliza de las obras del propio autor e de algunos comentadores, para la producción del análisis. Entre los movimientos más significativos se identificó la trayectoria de una genealogía del poder para un análisis del uso de los placeres a partir de la subjetivación y la necesidad de una regresión histórica hasta la antigüedad griega para localizar la ruptura en relación al hombre del deseo. Por fin, se

¹Mestre em Educação; Universidade Federal do Rio Grande; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil; mauriciocdosreis@hotmail.com

²Mestra em Educação; Universidade Federal de Pelotas; Pelotas, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil; violetapmoraes@gmail.com

³Mestre em Educação; Universidade Federal de Pelotas; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; nora_simoes@hotmail.com

evidencia el cambio en el proyecto, contraponiendo lo que llamó de moderna hermenéutica del deseo a una estética del placer.

Palabras claves: Michel Foucault; método; historia de la sexualidade

Abstract

This article focuses on the decision-making process employed by French philosopher Michel Foucault in the first two volumes of *The History of Sexuality*, produced in a powerful philosophical pathway. The French thinker searched for in early history, conditions of possibility for the following issue: how did sexuality become a problem in the present? The author initially problematizes something that is taken as established truth originated from the understanding that sexuality turns out to be repressed with the advent of capitalism, having previously lived in freedom. In an effort of analysis, we tracked down the main methodological practices employed by the author between *The Will to Knowledge* and *The Use of Pleasure*. We have attempted to contribute so that future research can be carried out using Foucauldian influences on what concerns decision making, regardless of the theme. Based on a post-structuralist perspective, the study is characterized as qualitative and bibliographical, considering that the works by the author himself as well as by some critics are used for the development of analysis. Among the most significant practices, we identified the passage from a genealogy of power to an analysis of *The Use of Pleasures* from subjectivation and the need for a historical regression back to ancient Greek times in order to track down the discontinuity regarding man's desire. Finally, we evidence the shift in the project, opposing to what was called the contemporary "hermeneutics of desire" to aesthetics of existence.

Keywords: Michel Foucault; method; history of sexuality

1. Introdução

Este artigo tem como temática as decisões de método utilizadas pelo filósofo Michel Foucault nos primeiros dois volumes da *História da Sexualidade*, produzidos em uma potente trajetória filosófica. Desenvolver esta análise é de certa forma, uma maneira diferente de traçar um estudo com as obras deste autor, pois na maioria das vezes o que se busca são os desenvolvimentos dos conceitos. Aqui, diferentemente, abordaremos, então, especialmente os caminhos metodológicos traçados.

O pensador francês buscou na história, condições de possibilidade para o seguinte questionamento: como a sexualidade se tornou um problema no presente? A ideia inicial de Foucault foi a de problematizar uma verdade produzida a partir de entendimento de que a sexualidade passa a ser reprimida com o advento do capitalismo, tendo antes vivido em liberdade.

A partir daí, fizemos um esforço para localizar e analisar os principais movimentos metodológicos empreendidos pelo autor entre a *A Vontade de Saber* (1976) e *Uso dos Prazeres* (1984). O desejo desta escrita é de contribuir para que futuras pesquisas possam ser realizadas utilizando as influências foucaultianas em termos de decisões de método, independente da temática. Pautado numa perspectiva pós-estruturalista, o estudo caracteriza-se como qualitativo e bibliográfico, tendo em vista que se utiliza das obras do próprio autor e de alguns comentadores para a produção da análise. Nesse sentido, utilizaremos ao longo do

texto aqueles excertos, em que localizamos as decisões de método, como um espaço de estudo, desdobrando nossas percepções logo a seguir. Ainda, observamos que a primeira edição de *Uso dos Prazeres* data de 1984, porém aqui neste texto utilizamos para fins de análise a 3ª edição, publicada e traduzida no Brasil, que data do ano de 2009.

Entre os movimentos mais significativos pode-se identificar a passagem de uma genealogia do poder para uma genealogia das subjetividades, com a análise do uso dos prazeres a partir da subjetivação e a necessidade de uma regressão histórica até a antiguidade grega para localizar a descontinuidade em relação ao homem do desejo. A pesquisa desenvolvida por Foucault inicialmente olha para os mecanismos de sujeição criados pelos mecanismos de poder, e acaba por converter-se numa investigação sobre os modos de subjetivação. Pode-se dizer que a partir de 1980 seu foco não é mais o poder, e sim os modos de subjetivação. Diante disso, se percebe uma mudança no projeto, contrapondo o que chamou de moderna hermenêutica do desejo à uma estética do prazer.

2. Das decisões de método

A vontade de saber (1976) é o primeiro volume do projeto História da Sexualidade, tendo sido publicado um ano depois de Vigiar e Punir (1975). Neste primeiro volume, Foucault, para atingir o seu objetivo faz um resgate histórico para mostrar os discursos produzidos sobre o sexo.

Durante sua trajetória filosófica Foucault buscou incessantemente mostrar que aquilo que é produzido enquanto discurso, desmembrado em senso comum, não existe. A produção de saberes, de conceitos e verdades só se torna possível através de condições de possibilidade que incidem na produção dessas variáveis.

No princípio de sua produção, inspirado em Nietzsche, se dedicou a investigar a loucura como uma produção de saber científico pautado no discurso da medicina enquanto área de conhecimento hegemônico. Dreyfus & Rabinow (1995), de certa forma, caracterizam essa organização dada por Michel Foucault. Entretanto, na historicidade de seus escritos, buscam identificar o percurso tomado pelo filósofo até a adoção dessa postura. Percebem que seus escritos, incorporados ao domínio arqueológico, possuem uma forte característica própria, tais como História da Loucura, Nascimento da clínica, As palavras e as coisas e A Arqueologia do Saber. Delas, abstraem a concepção do projeto arqueológico de Michel Foucault.

Nesse sentido, arqueologia seria o “método” que se voltaria para as práticas discursivas (embora considere a conexão com as práticas não-discursivas), buscando evidenciar sua regularidade em série de descontinuidade na história, permitindo com que algo apareça como verdade. Existe aqui a primazia do discurso, tomando-o vinculado estritamente à episteme.

No entanto, é a partir da aula inaugural no Collège de France, intitulada A ordem do discurso que Foucault (1996) vai esboçar uma relação entre arqueologia e genealogia, como fazendo parte de um mesmo projeto filosófico. Segundo Dreyfus & Rabinow (1995), essa aproximação entre uma arqueologia e uma genealogia que se completavam e se alternavam e se suportavam ainda soava estranha.

Somente com a elaboração mais concisa da genealogia, em *Vigiar e Punir* e na *História da Sexualidade – A vontade de saber*, a relação com arqueologia ganha ares sólidos. Agora, afirmam Dreyfus & Rabinow (1995), a genealogia precede a arqueologia. É nesse momento que o esboço de um projeto geral elaborado por Foucault fornece à genealogia uma determinada primazia.

Em linhas gerais, a genealogia se preocupa com o aspecto político do discurso, com a estratégia e a tática do discurso manifestando e produzindo poder, vinculado sempre a um saber que emerge (FOUCAULT, 2003). Há a indagação do “por quê” esses saberes emergem, vinculados sempre a uma estratégia de poder. Tem-se aqui a preocupação com as condições de possibilidade do discurso e seu entrelaçamento com a trama saber-verdade-poder.

A genealogia busca contradizer os métodos históricos tradicionais que afirmam uma essência ou uma lei geral subjacentes aos acontecimentos. Foge das profundidades misteriosas e analisa as práticas do cotidiano, em sua superfície. As essências que geralmente são dadas às coisas, na genealogia, são desmistificadas, pois seu objetivo é justamente demonstrar como essas essências foram construídas historicamente.

Por último, têm-se a ética como domínio em que Michel Foucault vai analisar como se dá o governo de si, seria a análise do poder voltado para si, é “o lado de dentro do lado de fora” (DELEUZE, 2005, p. 104). Através dos outros dois volumes da *História da Sexualidade – O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, Michel Foucault pôde discorrer sobre o que ele chamou de formas de sujeição pelas quais os indivíduos se tornam sujeitos morais, notadamente através do tema da sexualidade.

Já nas primeiras páginas do *Uso dos Prazeres* (2009), Michel Foucault apresenta o campo da pesquisa, os materiais a serem analisados, e os referenciais para desenvolver a análise pretendida. Como também justifica sua mudança de objeto - e poderíamos dizer que

ele fez uma mudança radical no seu projeto de pesquisa: deixou a análise do poder realizado anteriormente e foi investigar no uso dos prazeres: como a atividade sexual se constitui como modo de subjetivação (uma estética da existência).

O problema de pesquisa de Foucault, ao estudar a história da sexualidade, trata em criticar e contrapor uma tese advinda da filosofia de Platão, Hegel, refinada atualmente na psicanálise: a definição do homem pelo desejo. Assim, foi que compreendeu que o poder analisado por ele, até então, o poder disciplinar, normalizador, regulador dos indivíduos e das populações, não daria conta do mais importante, nestas investigações analisadas aqui, que era o nascimento do homem do desejo.

Sobre estas decisões (materiais, campo de pesquisa e recentramento do objeto), vejamos o excerto a seguir:

Gostaria, inicialmente, de me deter na noção tão cotidiana e tão recente de "sexualidade": tomar distanciamento em relação a ela, contornar sua evidência familiar, analisar o contexto teórico e prático ao qual ela é associada. [...]. Eis as razões pelas quais recentrei todo o estudo sobre a genealogia do homem de desejo, desde a Antiguidade clássica até os primeiros séculos do cristianismo. Segui uma distribuição cronológica simples: um primeiro volume, *O uso dos prazeres*, é dedicado à maneira pela qual a atividade sexual foi problematizada pelos filósofos e pelos médicos, na cultura grega clássica, no Século IV a. C.; *O cuidado de si* é dedicado a essa problematização nos textos gregos e latinos nos dois primeiros séculos de nossa era; finalmente, *As confissões da carne* tratam da formação da doutrina e da pastoral da carne. Em relação aos documentos que utilizarei, eles serão na maior parte textos "prescritivos"; com isso, quero me referir a textos que, qualquer que seja sua forma (discurso, diálogo, tratado, coletânea de preceitos, cartas, etc), têm como objetivo principal propor regras de conduta. Só recorrerei aos textos teóricos sobre a doutrina do prazer ou das paixões para encontrar esclarecimentos. O campo que analisarei é constituído por textos que pretendem estabelecer regras, dar opiniões, conselhos, para se comportar como convém: textos "práticos" que são, eles próprios, objeto de "prática" na medida em que eram feitos para serem lidos, aprendidos, meditados, utilizados, postos à prova, e visavam, no final das contas, constituir a armadura da conduta cotidiana. (FOUCAULT, 2009, p.19)

Como podemos perceber Foucault inicia localizando sobre seu campo de pesquisa (a noção recente de "sexualidade"), além de destacar o recorte temporal que decidiu traçar em seu estudo - "desde a Antiguidade até os primeiros séculos do Cristianismo". Após, ele fala dos documentos a serem analisados especialmente: os textos "prescritivos". Mas também aponta que poderá retomar os textos mais teóricos. Seu objetivo aqui é então deter-se naqueles documentos que traçam condutas e estabelecem regras, o "como fazer". É nesse momento também que percebemos então sua preocupação em deslocar as lentes da sua pesquisa das práticas de sujeição produzidas pelas relações de poder, para as práticas de subjetivação. Ou seja, o modo pelo qual se produziam determinados tipos de verdade sobre a

conduta da vida no tocante a sexualidade, inventando assim um tipo bem específico de sujeito.

Assim como nas demais obras de Foucault observamos o que ele chama de um movimento de problematização. De certa maneira, pode-se dizer que as pesquisas deste autor apresentam esse caráter incessante de problematização que poderia ser brevemente descrito como um modo de fazer perguntas, uma atitude de pesquisa que não vai à busca do conhecimento, mas cria, produz problemas para o pensamento.

Percebemos como isto pode ser evidenciado na construção das suas problemáticas de pesquisa, a medida que uma pergunta se desdobra em outra pergunta, que vai traçando os novos caminhos da investigação. Cabe salientar que a problematização não entra em determinado momento da pesquisa, mas começa desde a elaboração do projeto, como um modo de olhar para o cotidiano. Um modo de produzir a problemática da pesquisa. De como pegar algo tão familiar, que está na nossa vizinhança, e colocá-lo em suspenso. Podemos perceber essa problematização constante no trecho a seguir:

Pareceu-me, assim, que haveria que operar todo um recentramento. Em vez de buscar as interdições de base que se escondem ou se manifestam nas exigências da austeridade sexual, era preciso pesquisar a partir de quais regiões da experiência, e sob que formas, o comportamento sexual foi problematizado, tornando-se objeto de cuidado, elemento para reflexão, matéria para estilização. Mais precisamente, era preciso perguntar-se por que justamente os quatro grandes domínios de relações onde parecia que o homem livre, nas sociedades antigas, teria podido desenvolver sua atividade sem encontrar maiores proibições foram objeto de uma problematização intensa da prática sexual. Por que foi aí, a propósito do corpo, da esposa, dos rapazes e da verdade, que a prática dos prazeres foi questionada? Por que a interferência da atividade sexual nessas relações tornou-se objeto de inquietação, de debate e de reflexão? Por que esses eixos da experiência cotidiana deram lugar a um pensamento que buscava a rarefação do comportamento sexual, sua moderação, sua conformação e a definição de um estilo austero na prática dos prazeres? De que maneira o comportamento sexual, na medida em que implicava esses diferentes tipos de relação, foi objeto de reflexão como domínio de experiência moral? (FOUCAULT, 2009, p.32)

Percebemos aqui como o autor não parte da ideia de que a noção de sexualidade é um problema moral. Ao contrário, procurando distanciar-se das vizinhanças, ele pergunta-se como a sexualidade se tornou um objeto moral; como que a sexualidade se tornou um objeto de debate para a reflexão e a conduta das pessoas. Foucault busca o “como”, escavando as ditas verdades sobre seu objeto: a sexualidade. O autor traça os movimentos das suas problematizações e demonstra a construção das suas problemáticas de pesquisa.

Assim, é que a problematização se torna um estilo de comportamento na produção da investigação, de colocar-se sempre numa atitude de estranhamento, desnaturalizando as práticas e os discursos, pondo sob questão o certo/errado. Ao longo dos seus textos, Foucault vai nos mostrando como fomos produzindo e, ao mesmo tempo, produzidos, em certos estilos

de comportamento. Como fomos inventados como pessoas que percebem a sexualidade hoje, de uma maneira bem específica. A atitude de problematização é assim olhar para este tema do presente, a sexualidade, com seus discursos e verdades, como uma produção histórica e cultural.

Desta forma, o modo de operar de Michel Foucault é histórico e nesta obra específica, ele não vai aos séculos passados, mas ele traz para o presente algo de lá. O movimento que faz é de regressar no tempo permitindo se perder, não há uma linearidade histórica, mas sim uma busca pelos acontecimentos com uma preocupação com o presente. Isto porque a própria ideia de problematização leva a este distanciamento no tempo.

Ao fazer este movimento temporal, o autor nos mostra como fomos construindo certas verdades ao longo do tempo. Também destacar que o modo como nos conduzimos hoje, nem sempre o foi assim. Este distanciamento permite localizar a época, as forças, os discursos, que foram produzindo certos modos de ser e estar no mundo. Ao recuar no tempo, em *Uso dos Prazeres* (2009), Foucault traça uma necessidade de mostrar o momento em que o desejo não era fundamental para o homem. Objetivo era compreender a diferença entre o modo de subjetivação do início da época cristã, tanto em relação a Grécia que criou essa estética da existência, quanto em relação ao cristianismo. Com isso, também destaca uma de suas decisões metodológicas importantes: a noção de que o único a priori é o histórico.

Essa estratégia de recuo no tempo, como a priori, rompe com a noção de um sujeito fundante, transcendental ou de uma experiência originária e traz a tona assim, de que é nos discursos/práticas produzidos em certos contextos, em correlação com certas verdades, que se produzem os modos de perceber o mundo e a si mesmo consigo, com o mundo, e na relação com os outros. Assim também é que o autor, vigilante epistemológico, mostra a importância de não tomar um termo de significado moderno, como a sexualidade, para falar das práticas na antiguidade e por isso utiliza a ideia de “uso dos prazeres”. Então, esta questão, nos remete a outra passagem do texto, em que explica de onde vai partir para entender os modos de subjetivação, as práticas, ou seja, a partir do entendimento do “uso dos prazeres”:

Partirei da noção, então corrente, de "uso dos prazeres" — *chrēsis aphrodisiōn* — para distinguir os modos de subjetivação aos quais ela se refere: substância ética, tipos de sujeição, formas de elaboração de si e de teleologia moral. Em seguida, partindo cada vez de uma prática que, na cultura grega, tinha sua existência, seu *status* e suas regras (a prática do regime de saúde, a da gestão da casa, e da corte amorosa), estudarei a maneira pela qual o pensamento médico e filosófico elaborou esse "uso dos prazeres" e formulou alguns temas de austeridade que se tornariam recorrentes sobre quatro grandes eixos da experiência: a relação com o corpo, a relação com a esposa, a relação com os rapazes e a relação com a verdade. (FOUCAULT, 2009, p. 41)

Associado a noção de problematização, e a decisão metodológica de recuo no tempo, também percebemos na obra que ele sustenta e justifica as decisões tomadas. Sobre isto, vejamos o destaque:

Daí a opção de método que fiz ao longo desse estudo sobre as morais sexuais da Antiguidade pagã e cristã: manter em mente a distinção entre os elementos de código de uma moral e os elementos de ascese: não esquecer sua coexistência, suas relações, sua relativa autonomia, nem suas diferenças possíveis de ênfase; levar em conta tudo o que parece indicar, nessas morais, o privilégio das práticas de si, o interesse que elas podiam ter, o esforço que era feito para desenvolvê-las, aperfeiçoadas, e ensiná-las, o debate que tinha lugar a seu respeito. De tal modo que teríamos que transformar, assim, a questão tão frequentemente colocada a propósito da continuidade (ou da ruptura) entre as morais filosóficas da Antiguidade e a moral cristã; em vez de perguntar quais são os elementos de código que o cristianismo pôde tomar emprestado ao pensamento antigo, e quais são os que acrescentou por sua própria conta, a fim de definir o que é permitido e o que é proibido na ordem de uma sexualidade supostamente constante, conviria perguntar de que maneira, na continuidade, transferência ou modificação dos códigos, as formas da relação para consigo (e as práticas de si que lhes são associadas) foram definidas, modificadas, reelaboradas e diversificadas. (FOUCAULT, 2009, p.40)

Neste trecho, Foucault demonstra sua preocupação em ter em mente as distinções e relativa autonomia entre os tempos estudados: moral filosófica da Antiguidade e a moral Cristã. Ou seja, não perguntar o que o Cristianismo tomou emprestado do pensamento antigo, mas, centrando-se então no processo de subjetivação, ou em como nos tornamos o que somos, nas práticas com relação a sexualidade a partir de si para consigo foram sendo produzidas. Ao traçar este planejamento, o autor destaca suas decisões em deslocar-se da comum ideia de continuidade ou ruptura, dando destaque para a polifonia das práticas: suas definições, diversificações, modificações ou reelaborações. Colocando em pauta o processo no qual nos tornamos pessoas que pensam a sexualidade de uma maneira específica, e como este pensamento foi uma produção no tempo. Assim, o autor se detém em como o sujeito faz uma experiência de si mesmo em um jogo de verdades. Portanto, mais do que falar em identidades, em modos de ser humano lineares, centra-se nos diferentes processos de subjetivação.

Assim, é que este recuo no tempo e este olhar para as práticas, nos remete a uma outra decisão de método, qual seja: o abandono aos universais. Vejamos nas palavras do autor:

Não partirei de teorias gerais do prazer ou da virtude; apoiar-me-ei em práticas existentes e reconhecidas, pelas quais os homens procuravam dar forma à sua conduta: prática do regime, prática do governo doméstico, prática da corte no comportamento amoroso; tentarei mostrar de que maneira essas três práticas foram objeto de reflexão na medicina ou na filosofia, e de que maneira essas reflexões propuseram diversos modos, não de codificar com precisão a conduta sexual, mas antes de "estilizar"; estilizações na Dietética, como arte da relação cotidiana do indivíduo com o próprio corpo, na Econômica, como arte da conduta do homem enquanto chefe de família, na Erótica, como arte da conduta recíproca entre o homem e o rapaz na relação de amor. (FOUCAULT, 2009, p. 114)

A ideia de abandono dos universais, leva Foucault às diferentes práticas e as coexistências, dissonâncias e regularidades e podemos destacá-la quando o autor escreve: “[...] não partirei de teorias gerais do prazer ou da virtude; apoiar-me-eu em práticas existentes e reconhecidas [...]” (FOUCAULT, 2009, p. 114). Assim, significa não agarrar-se em metanarrativas, as grandes explicações gerais. Mas sim, explorar os diferentes modos pelos quais as relações dos indivíduos para consigo e com os outros eram produzidos em diferentes práticas: em casa, no amor, no regime.

As escritas de Foucault no projeto da História da Sexualidade, retomam especialmente, e de maneira mais enfática, sua preocupação principal: o sujeito. Entretanto, notamos uma mudança na forma como vinha conduzindo suas pesquisas até então. O autor percebeu que a forma como vinha analisando as relações de poder, não daria conta de explicar como a sexualidade se tornou um objeto da moral. Esse processo do caminhar na investigação, deixa evidente sua preocupação com a noção de problematização desenvolvido ao longo de todas suas pesquisas. Então, percebemos uma mudança na sua investigação, tratando agora das formas e dos processos de subjetivação.

3.Considerações finais

À guisa de conclusão desta escrita esperamos ter demonstrado que entre os movimentos mais significativos, identificamos a passagem de uma genealogia do poder para uma análise do uso dos prazeres a partir da subjetivação, e a necessidade de uma regressão histórica até a antiguidade grega para localizar a descontinuidade em relação ao homem do desejo.

Além disso, percebemos outras decisões de método que acompanham as investigações de Foucault e que nos indicam importantes cuidados metodológicos, como: a definição dos materiais de análise; o campo de pesquisa; o cercamento ao objeto; a noção de problematização; o olhar para as práticas e a negação aos universais; a recusa de um sujeito transcendental e de uma experiência originária; o recuo no tempo como uma estratégia para perceber não efetivamente continuidades ou rupturas, mas sim a polifonia das práticas (reelaboração, diversificação, modificação e definição) que subjetivam e produzem modos de ser sujeito e perceber a relação consigo e com outros, aqui no tocante a sexualidade, a partir de uma maneira bem específica de conduta. Ainda percebemos com bastante ênfase um modo de traçar suas investigações, que não se pergunta “o que?”, mas sim o “como?”, da construção dos objetos.

Analisa-se assim ao final, uma mudança no projeto, contrapondo o que Michel Foucault chamou de moderna hermenêutica do desejo à uma estética do prazer. Essas impressões, mesmo que pontuais, visam colaborar para que outras pesquisas se desenvolvam através do referencial foucaultiano, independente da temática, dos conceitos, dos pensamentos, levando em consideração seus movimentos de método ao longo de sua trajetória filosófica, que tanto potencializa as pesquisas nas áreas da educação, ciências sociais, culturais e econômicas.

Referências

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité 2: L'usage des plaisirs*. Paris: Gallimard, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Historie de la sexualité 1: La volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975